

Caiu na rede é passarinho!

Categories : [Reportagens](#)

A tentativa de se camuflar num tronco seco com cor semelhante à de sua penugem não foi suficiente para que o urutau (*Nyctibius grandis*) despistasse os “inimigos”. Como dois faróis na escuridão, os olhos da ave que repousava em uma árvore da floresta amazônica denunciaram sua presença por ali. Foi o que bastou para que a equipe de biólogos, ainda de dentro do carro, vislumbrasse o primeiro alvo da expedição.

Em questão de segundos, Luís Fábio Silveira – o líder do grupo – saltou para fora, sacou sua espingarda, lançou mão do chumbo mais adequado, mirou a luz em cima do animal e atirou. Foi pena voando para todo lado. Já na estrada de terra, o corpo do bicho enfrentou os olhares atentos do grupo, que buscava se aprofundar em cada detalhe da espécie.

O episódio ocorreu há cerca de duas semanas, durante a realização de um inventário de avifauna em um [trecho de mata próximo à cidade de Tailândia \(nordeste do Pará\)](#). De início, ver os biólogos sacrificando os bichos, mesmo que para fins científicos, assusta um pouco. Mas apesar de parecer contraditório, a prática da coleta, além de bastante comum e necessária durante a realização de inventários, é feita para o próprio bem do animal. “Não temos dó, mas respeito. É muito importante coletá-los para conhecermos melhor suas características. Principalmente quando a área nunca foi estudada antes, como é o caso desta em que estamos. Imagina pelas mãos de quanta gente esse exemplar vai passar. Essas pessoas não precisarão voltar até aqui e matar mais bichos”, explica Silveira.

Para alívio dos que se comovem com mais facilidade, uma informação importante: os pesquisadores não podem matar passarinho a torto e a direito. A licença emitida pelo Ibama, neste caso, permite o abate de cinco exemplares por espécie a cada viagem. “Tentamos viabilizar que a pesquisa aconteça com o menor impacto ambiental possível. Os técnicos analisam cada processo antes de emitir a licença, levando em consideração a situação das espécies que serão coletadas e a área pesquisada”, informa Rômulo Mello, diretor de Fauna e Recursos Pesqueiros do Ibama. E todo o material coletado tem como destino as coleções dos museus. O conteúdo estomacal dos animais é conservado no formol, para permitir que os alunos estudem o bicho por dentro. “Alguns tópicos conseguimos conhecer somente se sacrificarmos a ave”, diz Silveira.

O biólogo foi contratado pela empresa Agropalma, que é dona de terras nos arredores de Tailândia, para descobrir como anda a biodiversidade de aves na região. O trabalho foi desenvolvido em parte dos 77 mil hectares de mata nativa que compõem a reserva legal da empresa. Segundo o diretor comercial da Agropalma, Marcello Amaral Brito, eles pretendem explorar essa floresta com ecoturismo. “Principalmente para a observação de aves”, comenta.

Se depender da biodiversidade de aves na região, o projeto será viabilizado em breve. Com seis expedições para o local, o biólogo contabilizou 346 diferentes espécies de pássaros. “Alta Floresta, que é uma das regiões mais pesquisadas da Amazônia e recebe estudiosos há cerca de 10 anos, tem 450 espécies registradas. No entorno da rodovia Belém-Brasília, onde o levantamento de avifauna durou dois anos, com os pesquisadores acampados dia e noite no mato, tem 200”, compara. A área paraense recém-estudada abriga ainda 8 das 11 espécies de aves ameaçadas de extinção que ocorrem na Amazônia. Inclusive a ararajuba (*Guaruba guarouba*), grande atração da região, infelizmente não avistada durante esta viagem.

Lições do mestre

Segundo as normas da Universidade de São Paulo (USP), onde leciona, Silveira não pode receber em dinheiro pelo trabalho realizado. Em troca, pede uma bolsa para seus alunos que o acompanham nas viagens e equipamentos para o laboratório da instituição. Em cada expedição, ele leva um grupo diferente de três aprendizes, para que vejam na prática como é feito um levantamento de avifauna. Algumas técnicas contribuem para que a pesquisa se torne mais completa. A bióloga Giulyana Althmann, que atualmente tenta uma bolsa de mestrado na USP, sabe de cor e salteado quais são os melhores métodos de amostragem. “Gravador, binóculo, rede e espingarda”, relaciona, enquanto curva o pescoço para cima a fim de identificar qual pássaro corta o céu.

No meio das longas caminhadas em busca das aves, os biólogos fazem inúmeras paradas para avistar ou coletar os animais – sempre com a ajuda desses equipamentos. Ao encontrar um Rapazinho Estriado (*Nystalus striolatus*) pousado numa árvore logo à frente, Silveira transfere a um dos alunos a missão de pegá-lo. “A grande malícia é analisar a distância e conhecer a arma. Também é importante marcar onde ele vai cair”, recomenda. Marco Antônio Rego, estudante de biologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, mostra como aprendeu direitinho o be-a-bá do trabalho de campo. Na sua primeira experiência com uma espingarda, encara a ave e acerta o tiro. Orgulhoso da conquista, o aluno sai do mato com o animal em mãos.

E é bom que acerte mesmo. A coleta com armas exige bastante concentração. O pesquisador, além de escolher o calibre e o chumbo apropriados para determinada espécie, deve mirar no peito do pássaro. Dependendo do local em que acerta o tiro, o bicho fica estraçalhado e não serve para mais nada. Com as aves menores o cuidado tem que ser ainda maior. Mas, se o atirador for bom,

consegue derrubar até beija-flor.

Outra técnica utilizada é a armação de redes no meio da floresta. A montagem dos 250 metros de arapuca ao longo da trilha dá um certo trabalho. Logo pela manhã, todos ajudam na tarefa. São 20 redes, cuja altura atinge 2,6 metros, estendidas de modo a não encostarem no chão, para evitar que as folhas do solo fiquem presas a ela. São colocadas na vertical, para que a ave vá de encontro com ela e fique agarrada. O material pertence à universidade e não é barato. Juntas, as redes custam em torno de dois mil dólares. A cada três dias, em média, são retiradas de um lugar e armadas em outro. “Se ficar muito tempo em uma área, começa a cair muito bicho repetido, da mesma espécie”, explica Silveira. À noite, são fechadas, para evitar que os morcegos se prendam a ela.

A cada uma hora, aproximadamente, alguém verifica quais aves se enroscaram na armadilha. Fábio Schunck, estagiário do laboratório e candidato ao mestrado na USP, permanece de plantão enquanto o resto do grupo faz uma caminhada de 18 quilômetros por outras áreas da floresta. Para evitar que os animais sofram antes de serem sacrificados, o trabalho do “guarda-rede” tem que ser rápido e cuidadoso. Assim que retira a ave da armadilha, fotografa o exemplar para acrescentar o registro ao relatório e, em seguida, sacrifica o bicho. “Tem de pressionar o coração e o pulmão, até que ele tenha uma parada cardiorrespiratória. Não pode soltar”, ensina Schunck. “Garantir a morte significa apertar firme, de maneira decidida”, acrescenta o professor.

Quando a ave abre a cauda e relaxa as pernas é sinal de que morreu. “Ai, se pudesse só tirar foto e depois soltar seria bem melhor, né?”, diz o mateiro Maxixe, que acompanha os biólogos durante a jornada pela floresta. A soltura ocorre com bastante freqüência, sempre que cinco indivíduos de determinada espécie já foram coletados. A partir do segundo dia da rede armada na primeira trilha escolhida durante a expedição, exemplares do Rendadinho (*Hylophylax poecilinota*) se tornaram figuras fáceis na armadilha. Depois de alcançar a cota permitida pelo Ibama, as aves começaram a ser devolvidas à natureza. “Essa aí deu sorte. Se tivesse se adiantado um pouquinho e caído na rede de manhã, nunca mais ia comer na vida”, comemora o mateiro.

Pauta de todo dia

Quem escolhe a profissão de biólogo tem de estar disposto a acordar cedo. E cedo, neste caso, quer dizer por volta das 4h30. Os famosos cinco minutinhos a mais têm de ficar para os finais de semana. Isso quando eles existem. Todos os dias, invariavelmente, o grupo pula da cama ainda de madrugada. Café da manhã tomado, o destino é o mato, onde ficarão até o horário do almoço. À tarde tem mais trabalho e, às vezes, até mesmo após escurecer - único jeito de encontrar as espécies de hábitos noturnos. Depois de ver e falar o dia inteiro sobre passarinhos, a equipe, ao voltar para a casa, dificilmente deixa os bichos de lado.

Em cima da mesa do alojamento, o livro [Aves do Brasil, de Tomas Sigrist](#) é uma prova de que haverá mais trabalho pela frente. Entre uma espiadinha na televisão e uma desviada de assunto, os biólogos utilizam a “bíblia da ornitologia” para identificar as aves que viram durante o dia. É uma forma de memorizar a infinidade de espécies existentes, seus locais de ocorrência, tamanhos e características. A paixão e o prazer transformam o trabalho em diversão, mas sempre com muita seriedade. Em sete dias de campo, a equipe coletou cerca de cem animais. Foram mais de 70 horas de trabalho e 350 quilômetros rodados de carro. Sem contar as caminhadas a pé.